

MANUAL DE SOBREVIVÊNCIA DO PROFESSOR MODERNO

OU A ARTE DE TRANSFORMAR
CONFLITOS EM APRENDIZAGEM



MARCOS NICOLAU



**MANUAL DE SOBREVIVÊNCIA DO
PROFESSOR MODERNO**

ou a arte de transformar conflitos em aprendizagem

Marcos Nicolau

**MANUAL DE SOBREVIVÊNCIA DO
PROFESSOR MODERNO**
ou a arte de transformar conflitos em aprendizagem

Capa e editoração digital:
Marriett Albuquerque

N639m	Nicolau, Marcos. Manual de sobrevivência do professor moderno ou a arte de transformar conflitos em aprendizagem./Marcos Nicolau. 3. ed. Edição digital. – João Pessoa: Ideia, 2010. 72p. ISBN 8575390465 1. Prática de ensino	370.7
-------	--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	-------

Obra produzida no Projeto Para ler o digital.
NAMID - Núcleo de Artes Midiáticas do
Programa de Pós-Graduação em Comunicação da UFPB
Grupo de Pesquisa em Processos e Linguagens Midiáticas - Gmid
PPGC/UFPB

À Dona Anália, minha primeira professora, e a todos aqueles professores que, a exemplo dela, ensinaram-me, antes de tudo, a aprender.

O prazer de quem aprende depende
da paixão de quem ensina.

SUMÁRIO

Apresentação.....07

Parte I – De conflitos e emoções

Os conflitos do professor moderno.....12

Inteligência Emocional: o que é e como funciona.....13

A administração dos conflitos na prática: criatividade.....19

Em busca de uma Inteligência Emocional.....27

Parte II – De práticas e reflexões

Singularidade e pluralidade em sala de aula.....30

Forças que atuam na nossa formação.....33

As múltiplas inteligências de que dispomos.....37

A construção de uma Educação Criativa.....38

O processo lúdico: a brincadeira e o jogo.....41

As Metáforas da Educação.....44

Considerações não conclusivas.....57

Bibliografia comentada.....62

Apêndice

Novas sobre o riso na sala de aula.....65

Referências.....69

APRESENTAÇÃO

Será que a atividade de professor tem que ser realmente desgastante? Por que não pode ser uma profissão prazerosa e realizadora? Uma missão tão importante como a educação de crianças e adolescentes não deveria ser recompensadora? Você, professor, vai concordar que sim. Mas, também, vai achar que não depende de você, e sim, da sociedade. Na verdade, somente quando alcançamos as condições pessoais e profissionais adequadas é que estamos prontos para conquistar isto. Essas conquistas humanas não caem do céu.

Por isso, queremos propor aqui uma reflexão: o que nos cabe saber e fazer para tornar a atividade de ensino uma tarefa prazerosa? A quem estamos beneficiando primeiro senão a nós mesmos quando realizamos nossas tarefas com alegria e satisfação? Afinal, o desgaste emocional a que estamos submetidos, impõe-nos tensão e estresse, ansiedade e angústia – somos as primeiras vítimas da diminuição de nossa auto-estima e desmotivação.

Quando começamos a entender nossas emoções, influenciamos nosso estado de espírito. Passamos a compreender e a dar atenção aos sentimentos de nossos alunos, descobrindo como tocar sua sensibilidade, quer seja para desarmá-los emocionalmente, quer seja para motivá-los ao aprendizado. E quando iniciamos essa mudança pessoal, colocamos em prática o que diz a sabedoria humana: se quero transformar o mundo, devo transformar, primeiro, a mim mesmo.

Procedimentos iniciais de sobrevivência

Todo ser humano que sobreviveu e venceu em ambientes hostis teve que aprender rapidamente sobre si mesmo, sobre o meio ambiente onde estavam: selva, deserto, gelo, e sobre as adversidades impostas pelos outros seres do lugar – todos procurando igualmente sobreviver. Conosco, em sociedade, não tem sido diferente. Por isso, nós professores precisamos aprender a como nos manter íntegros e saudáveis; a como não deixar que os constrangimentos e as decepções minem nosso organismo; a agir tal qual a natureza: usar os conflitos como aprendizado para realizar nossos saltos evolutivos. Precisamos nos adaptar ao ambiente através de negociações constantes com as forças adversas, que são as imposições e as normas que cerceiam a nossa vontade de revolucionar as práticas. Necessitamos, por fim, conhecer a natureza desses outros seres que estão sob nossa responsabilidade em sala de aula – e que mudam de geração a geração, tornando-se cada vez mais contrariadores da autoridade que lhes quer impor formação e irreverentes quanto aos valores das gerações anteriores.

Como o professor é uma autoridade instituída, é sempre vista como agente de controle social a qual os jovens naturalmente reagem. Portanto, quanto mais o professor tenta se revestir dessa autoridade e quer usar do autoritarismo, mais pessoal se torna essa reação – os alunos não reagem mais contra o professor que quer impor autoridade, mas àquela pessoa que na sala de aula quer controlá-los, estendendo a questão para o âmbito pessoal.

Trocando o controle pela ordem

Eis um dos conhecimentos básicos que precisamos aprender como professores: quanto mais controle queremos ter sobre nossos alunos, menos conseguimos. É como tentar reter um grande volume de água com as mãos – sempre passa água por entre os dedos. Mas quando aprendemos a canalizar essa água, criamos uma ordem para que ela siga com força o seu caminho natural.

Professor nenhum consegue manter a atenção dos alunos durante uma aula inteira. Aliás, nós mesmos sempre alternamos momentos de atenção com momentos de descontração, como é próprio de nossas mentes. Afinal, distração não é desatenção, mas atenção à outra coisa que no momento parece mais interessante ou crucial. Por isso, quando planejamos práticas pedagógicas que alternam as posturas dos alunos: situações de leitura e escrita, de tarefas manuais e corporais, de silêncio e conversa, de tranqüilidade e aparente balburdia, no final, além da realização das atividades, nosso desgaste tem sido muito menor porque não tivemos que ficar gritando e pedindo atenção.

As bases da Educação Criativa

Nós, professores, precisamos entender que uma prática pedagógica criativa proporciona conquistas em todas as frentes. Realizar aulas que mexem com os alunos permite-nos canalizar as energias deles para atividades constantes, nas quais somos um coordenador na construção e na descoberta dos co-

nhecimentos; essas atividades alcançam resultados que constroem uma reputação para nós, professores – tornamo-nos o professor que qualquer escola quer ter. E um professor que tem reputação consegue mais facilmente impor seu estilo e suas exigências; os pais passam a valorizar mais o professor; e este, por fim, eleva sua auto-estima, chegando a um estado de espírito capaz de evitar os males provocados pelo estresse da vida moderna. É uma cadeia de fatores que se alimentam em espiral.

Esse espiral, por sua vez, dá grandes saltos evolutivos na qualidade de vida do professor, quando este compartilha sua prática pedagógica com os demais colegas. Pela instauração de equipes pedagógicas, os professores compartilham dificuldades e soluções, impasses e alternativas. Fazer parte de uma equipe é permitir que os problemas circulem para que surjam diferentes pontos de vista colaborando com as soluções.

Numa visão geral, se pudermos compreender melhor a natureza dos conflitos com os quais nos deparamos, poderemos mudar seu pólo negativo para um pólo positivo, vendo-os não mais como empecilhos e sim como oportunidade para evoluir, construindo novas ordens de ações e relações humanas; se aprendermos mais sobre nós mesmos e a natureza das nossas emoções, como energias que circulam pelo nosso organismo, poderemos lidar melhor com mágoas e decepções, protegendo nossa integridade física e mental e canalizando essa energia para resultados satisfatórios; se aprendermos formas de transformar práticas comuns de ensino em atividades dinâmicas e atraentes para os alunos, como já fazem muitos professores bem sucedidos, estaremos desenvolvendo

do nossa própria criatividade, resgatando nosso prazer de ensinar e desenvolvendo relações pedagógicas gratificantes para nós e nossos alunos; por fim, se conseguirmos construir uma reputação pessoal e profissional baseada nos resultados que obtivermos em nossa didática, estaremos construindo uma competência, baseada num *saber fazer*, que sempre é reconhecida por todos, alunos, pais, colegas e administradores do ensino: tornamo-nos alguém que pode fazer escolhas, exigências e conquistas em nome do objetivo maior da educação: a excelência do processo de ensino e aprendizagem.

Tudo isso dito assim, parece simples, não? Tão simples que quase não acreditamos que seja possível. Se for isso que você, professor, gostaria que realmente acontecesse, e se acreditar que é você quem precisa investir em suas conquistas de auto-realização e qualidade de vida pessoal e profissional, então faça desse livro um momento de reflexão: uma autocrítica capaz de permitir que seja você mesmo o responsável por uma educação cheia de alegria e prazer – para você e para seus alunos.

Este livro é resultado, não apenas do saldo de estudos e pesquisas que vimos divulgando ao longo dos anos em diversas outras obras, mas, principalmente, do apanhado vivo e dinâmico da sala de aula, bem como, das palestras e cursos que estivemos proferindo junto a professores de todas as séries de ensino. Seus depoimentos e desabafos, suas preocupações e angústias, resultaram nesta conversa informal, na qual procuramos deixar de lado as abordagens acadêmicas, esperando tornar a leitura espontânea e direta.

Parte I

De conflitos e emoções

Os conflitos do professor moderno

Ouvi, certa vez, uma frase que muito me impressionou. Mesmo sem saber o autor, sua lição permanece preciosa: guardar mágoa de alguém é como tomar um copo de veneno esperando que esse alguém morra. Com certeza nós somos as primeiras vítimas de nossos próprios ressentimentos, por isso precisamos urgentemente aprender a lidar com nossas emoções para poder transformá-las em ações positivas.

As atividades educacionais são, para o professor, o palco das relações humanas nas quais as emoções tomam lugar de destaque. Você já notou que os alunos o elogiam quando se saem bem nas suas tarefas e provas. E reclamam e xingam quando são mal-sucedidos. Alegria e raiva, satisfação e decepção alternam-se a cada dia em atividades as mais diversas numa escola, desde os exercícios diários da sala de aula, até as provas de final do ano.

Entretanto, observe que o aluno reage ao sistema que lhe é imposto. Se me interponho entre ele e o processo pedagógico, se tomo a forma e a autoria desse processo, coloco-me como alvo da raiva e da chateação desses alunos. Mas, se me coloco ao lado, permitindo sua reclamação, faço com que

ele esgote sua energia negativa contra algo abstrato que é o sistema, e mostro que estou ali como auxiliar nas dificuldades de enfrentamento do processo pedagógico.

Inteligência Emocional: o que é e como funciona

Diz a sabedoria popular que, quando estivermos a ponto de “estourar” de raiva, se contarmos até dez, conseguiremos nos controlar e evitar uma reação da qual poderemos nos arrepender depois. Isso é comprovado cientificamente porque quando “esquentamos a cabeça”, as emoções assumem o comando da mente, permitindo o nosso descontrole emocional. Porém, ao iniciarmos a contagem, proporcionamos condições para que o pensamento retome o comando e restabeleça o bom senso.

Saber lidar com as próprias emoções é importante para alcançarmos o sucesso em nossas atividades pessoais e profissionais – notadamente no campo da educação, onde as relações pedagógicas são delimitadas por tantos conflitos.

Temos dois aspectos fundamentais a aprender com relação às emoções. Uma, está relacionada à capacidade de usá-las para sermos bem sucedidos diante das situações críticas. Outra, diz respeito à preservação de nossa integridade física e mental. Para entender a primeira, devemos nos lembrar de quando éramos alunos: estudávamos as matérias e na hora da prova, o nervosismo fazia a memória “dar um branco” – sinal de que o controle emocional podia garantir muito mais sucesso do que o conhecimento que acumulávamos. No segundo aspecto,

quando alimentamos angústias e rancores, fazemos com que nosso cérebro libere substâncias que são maléficas ao nosso próprio organismo – daí porque nossa saúde física e mental depende de pensamentos positivos e ações construtivas.

Gostaria de convidá-lo a conhecer um pouco mais os resultados dos estudos realizados por três cientistas que trabalham pela saúde da mente e do corpo de todos nós, seres humanos: Antônio Damásio, português radicalizado nos Estados Unidos, autor dos livros **O erro de Descartes** e **O mistério da consciência**; Daniel Goleman, psicólogo americano autor de **Inteligência emocional** e um brasileiro, o médico Marco Aurélio Dias da Silva, autor de **Quem ama não adocece**.

Damásio, que sempre fez pesquisas com pessoas acometidas de distúrbios mentais acidentais ou genéticos, descobriu que as emoções tem uma ação tão importante quanto a razão sobre nossos atos e comportamentos. Pessoas atingidas por problemas que afetavam a parte do cérebro que comandava as emoções, permaneciam com a capacidade de pensar racionalmente, realizar operações, lembrar o que quisessem, mas tomavam decisões e agiam de forma absurda nas relações emocionais mais simples. Ou seja, tornavam-se incapazes de levar adiante uma vida saudável e sensata porque não tinham o sentido da emoção para guiá-lhes nas decisões cotidianas.

Essa constatação fez Daniel Goleman chegar à conclusão de que a vida emocional é uma atividade humana que aprendemos a lidar como muitas outras, mas que exige de nós um conjunto de aptidões que precisam ser trabalhadas no decorrer de nossas

vidas. São essas aptidões que asseguram o sucesso de uns e o fracasso de outros, porque determinam até onde podemos usar bem quaisquer outras aptidões que tenhamos, incluindo o intelecto bruto.

Por isso, conhecer nossas próprias emoções, reconhecer um sentimento quando ele ocorre e sair de uma situação desagradável, é a pedra fundamental, segundo Goleman, da inteligência emocional.

Logo, enquanto prolongamos nossos estados de espírito positivos, aumentamos nossa capacidade de pensar com flexibilidade e desenvoltura, o que nos permite perceber mais facilmente as alternativas para nossos problemas externos e internos.

Não é à toa que o humor é uma poderosa terapia em nossas vidas. Contar anedotas para alguém pode ajudá-lo a preencher a mente com pensamentos gratificantes que desencadeiam reações positivas no organismo. Essa é também a visão de muitos terapeutas bem sucedidos na recuperação de pessoas deprimidas. Se eu pedir para você: não pense numa lata de lixo, você vai pensar porque a *negativa* não impediu a presença do lixo. Se você quer resultados positivos, pense em coisas positivas, pois elas acionam sensações boas que fazem a mente reagir bem. E porque isso ocorre? Ora, porque são os pensamentos que desencadeiam reações químicas no cérebro.

Você provavelmente já ouviu falar de pessoas que adoecem porque acreditam que foram atingidas por "mal-olhado". A partir do momento em que elas acreditam que aquele mal vai acontecer, suas mentes acionam o cérebro para que este ative substâncias capazes de enfrentar o mal. Como o mal é imaginário, tais substâncias acabam afetando o me-

tabolismo do corpo. Nós mesmos acionamos os males que nos acometem.

Atente agora para a opinião do Dr. Marco Aurélio Dias da Silva: a forma pela qual reagimos aos acontecimentos da vida e a maneira como os interpretamos e sentimos é que, mais que o acontecimento em si, nos provoca estresse. Portanto, o que hoje nos ameaça a vida e a saúde não são, como regra, os perigos que vêm de fora, e sim aqueles que trazemos dentro de nós mesmos.

Isso quer dizer que, quando alimentamos mágoas e constrangimentos, fazemos com que esse pensamento seja um mal agindo em nós. Mas quando temos a capacidade de reagir com pensamentos e ações positivas, protegemos nossa mente e nosso corpo desses males.

O Dr. Marco Aurélio relata as descobertas de um médico chamado Mandsley, há um século: “se a emoção não se libera, vai agarrar-se aos órgãos, perturbando o seu funcionamento. O desgosto que se pode exprimir por meio de gemidos e lágrimas é rapidamente esquecido, enquanto o sofrimento mudo, que remói incessantemente o coração, termina por abatê-lo”.

Por isso, para o Dr. Marco Aurélio, a capacidade de sonhar, de elaborar e vivenciar fantasias, parece ser essencial para nossa saúde psíquica e física. Ele constatou que as pessoas mais sonhadoras, as que mais devaneiam, parecem justamente as que têm maior facilidade e tendência a estabelecer vínculos afetivos com as outras: “amam, enfim, e são, em consequência, mais saudáveis”.

Uma professora amiga lamentava com amargura, e até com revolta, de um aluno que a fez perder o

sono e alimentar sentimentos de rancor. Ela havia preparado uma aula durante o final de semana, com carinho e esmero. Colheu o conteúdo em vários livros, organizou-o da melhor forma que pode e no dia seguinte, chegou na sala de aula, feliz da vida porque realizaria uma tarefa satisfatória. Mas logo deparou com a indiferença dos alunos. Alguns com pouca vontade de colaborar, outros procurando até agradá-la. No final, quando ela reclamou o quanto eles estavam sendo injustos por não reconhecer o esforço de uma aula tão importante, um dos alunos, escondendo-se entre os demais disse: “grande porcaria de aula. Isso é coisa de babaca”.

Se isso acontecesse com você, caro professor, qual seria sua vontade de reação?

- a) Esganar o sujeitinho mal agradecido pelo pescoço;
- b) Dar uma lição de moral em alto e bom som para que todos ouvissem;
- c) Aplicar nota zero nele.

Se você marcou as três, é compreensível. Mas não seria a solução, porque é justamente esse sentimento de vingança ou retaliação que nos envenena. Primeiro: é sempre bom chamar a atenção do aluno para o aspecto positivo daquela prática, que ele não está vendo, angariando a adesão dos demais colegas para sua causa. Segundo: conversar com o aluno para que ele não volte a cometer essas agressões, nem com você nem com outros professores. Depois que o aluno percebe a situação, é capaz de arrepende-se e tornar-se amigo do professor que o compreendeu de forma sensata.

Essas atitudes nos dão uma sensação de vitória e de conquista inigualáveis. Por um lado, desenvolvemos a capacidade de transformar situações negativas em resultados positivos; por outro, a sensação de vitória fortalece nosso organismo, nos tornando, pouco a pouco, imunes aos males do estresse e da depressão.

Vivemos sob constante estresse e tensão. São termos que vêm da física e que nos indica que, qualquer material sob estresse contínuo, pode se partir naquele ponto. Uma corda retesada permanentemente, logo vai se romper no ponto de maior tensão. Mas se esta corda é estica para uso e depois volta a sua posição normal, retorna ao equilíbrio e dura muito mais. O mesmo ocorre conosco.

Pergunto sempre aos professores se eles costumam relaxar e encontrar momentos de reequilíbrio: poucos o admitem, devido ao corre-corre que a vida impõe. Quase nenhum deles se lembra de entrar no banho e deixar todos os problemas do lado de fora, permitir que a água libere a tensão e leve pelo ralo as preocupações. Houve até caso em que, ao ouvir essas observações numa palestra, uma professora relatou: “vivo tão atribulada que no banho passo rapidamente pelo chuveiro com medo de me afogar”. Também são raros os que, ao se deitarem à noite, escutam uma música suave, relaxam e esquecem dos problemas, dando um tempo para si mesmos. A maioria deita-se e passa a enumerar os problemas do outro dia, lamenta-se das agruras daquele dia, enfim, dormem estressados e têm sonhos estressantes. Uma boa noite de sono os faria recuperar as energias para, no dia seguinte, verem melhor as soluções que a tensão impedia.

Essa situação tem sido a causa de muitos dos males modernos, como comprovou o Dr. Marco Aurélio Barros da Silva em suas pesquisas de campo. Esse médico visitou inúmeros manicômios pelo Brasil afora e constatou algo impressionante: os doidos dormem nus, ao relento, comem alimentos que caem no chão, bebem água até de poças da chuva, e comumente não sofrem das doenças que nos assolam: infartos, derrames, úlceras, gastrites, enxaquecas entre outras. Isso porque, constatou o médico, estariam desligados dessa pressão pela sobrevivência, da psicossomatização desses males da vida atribuída que levamos.

Não significa dizer que deveríamos viver como os doidos para evitar esses males, mas se não formos capazes de nos desligarmos de vez em quando da pressão, se não procurarmos realizar atividades que nos são prazerosas, como *hobbys*, esportes e lazer saudáveis, esquecendo, pelo menos uma vez ao dia das agruras da sobrevivência, poderemos realmente endoidecer ou morrer mais cedo.

Nessa profissão encontramos, infelizmente, aqueles professores que acreditam que a bebida é capaz de proporcionar o relaxamento e o desligamento do estresse. O resultado é que é necessário cada vez mais bebida e com mais freqüência para ampliar o desligamento, com um preço muito alto a pagar no final de poucos anos.

A administração dos conflitos na prática: criatividade

Acredito que, assim como eu, poucas pessoas

gostam de estar recebendo ordens de uma pessoa autoritária que quer viver dando ordens, mandando e controlando nossas ações. É um problema que as organizações modernas já detectaram e buscam relações pela empatia entre gerentes e subordinados. Isso também é válido para crianças e adolescentes. Eles têm uma rejeição natural ao autoritarismo, o que é diferente de reconhecer a autoridade de alguém.

Lembramos com prazer dos professores que respeitávamos e sempre nos dispúnhamos a dar atenção - e com certa rejeição daqueles que nos metiam medo com suas punições.

Nos dias atuais, em que os adolescentes recebem uma criação mais aberta, menos rígida, e alguns, até, perdem a noção de autoridade – primeiro desobedecem e desrespeitam os pais, depois os professores –, é muito mais difícil impor controle.

Como já vimos, há uma tendência natural de reação ao controle por parte dos jovens que, quase sempre é condenada pelos professores de um modo geral. Claro, nenhum professor que ter sua aula atrapalhada ou sua autoridade desrespeitada. Mas há uma diferença que devemos perceber: impor autoridade é diferente de conquistar autoridade. As pessoas que conseguem conquistar respeito à sua autoridade estão sempre estabelecendo novas ordens de relações e práticas de convivência.

Na educação não poderia ser diferente. Nós, professores, vivenciamos, principalmente nas escolas particulares, situações difíceis de se lidar: a pressão dos diretores da escola por uma pedagogia de resultados; a pressão dos pais, por uma instrução que encaminhe seus filhos ao padrão de sucesso social; a pressão dos próprios alunos, por aulas do seu

agrado, nas quais possam expressar suas personalidades; e ainda, a pressão mais freqüente sobre o professor, da sobrevivência e permanência no emprego.

Mas, quando aprendemos a conciliar essas diferentes pressões, através da construção de um estilo pessoal de ensino no qual nos realizamos como pessoas e profissionais, estabelecemos uma ordem, uma nova ordem de viver sem trabalhar – sem trabalhar porque, diz o ditado, quem gosta do que faz, não trabalha, faz o que gosta.

Você, com certeza, já vivenciou e realizou aulas que fluíram muito bem, enquanto outras, foram verdadeiras torturas. Perceba que, nas aulas agradáveis, houve um assunto ou uma abordagem que permitiu essa fluidez.

De um modo geral, parece que, quanto mais a aula é totalmente dirigida e burocrática, mais os alunos reagem e tentam conturbá-la. Quanto mais diferente da prática tradicional, melhor a aceitação. A questão é conciliar a dinâmica de uma aula diferente com a estrutura do colégio que nem sempre permite situações estranhas às práticas costumeiras. Entretanto, nós, professores, sempre podemos negociar essas situações quando os resultados são satisfatórios. E, talvez, um bom exemplo possa nos introduzir nessa diferença entre controle e ordem.

Quando realizava minha dissertação do Mestrado em Educação, em 1995, fiz prática de observação de aulas em Escolas Públicas municipais e estaduais. E aconteceu, numa delas, a observação de como a professora conseguiu substituir o controle pela ordem de forma magistral.

Era uma turma de cerca de 30 alunos da 2ª série

do ensino fundamental. Eu já estava devidamente familiarizado com a turma e fui para um canto da sala fazer minhas anotações. A professora chegou com uns cartazes para falar sobre aquela data, no qual se comemorava o dia do folclore. Seus cartazes traziam ilustrações de personagens folclóricos e ela começou sua exposição. Entretanto, os alunos não ficavam quietos. Conversavam, mexiam uns com os outros, levantavam-se e gritavam. A professora passou a impor sua autoridade, mandando que se comportassem e prestassem atenção à aula, mas sem sucesso. Quando já era visível a sua impaciência, num momento de pura intuição, a professora proferiu uma palavra mágica dentro de nova proposta para a aula: “*alguém aqui sabe algum estória de **assombração**?*”. Repentinamente todos pararam e levantaram as mãos num uníssonos “Eeeeeeeuu!”. Todos os olhares, todos os semblantes estavam agora voltados para a professora numa expectativa só. Seu próprio semblante também era de surpresa e ela soube aproveitar a situação, dizendo que cada um contaria a sua estória, mas era preciso que colaborassem.

Tivemos um primeiro momento de canalização dos interesses de todos para um único propósito, pois, tocara cada criança. Era como se aquela torrente de água desordenada de repente tivesse sido canalizada. Veio, então, o segundo momento, um novo momento de caos que permitiu o estabelecimento de nova ordem.

Depois que todos os alunos sentaram-se em suas carteiras e permaneceram comportados, a professora percebeu que a narrativa de cada aluno seria atrapalhada naquela situação tradicional, com carteiras

dispostas em fileiras que impedia que uns vissem os outros. Ela logo propôs que os alunos pegassem suas carteiras e fizessem um círculo, para que todos pudessem ver e ouvir a todos. Desta vez, houve uma bagunça diferente: arrastado de carteiras, gritos, pulos, empurra-empurra. Quem entrasse naquele momento na sala, veria uma esculhambação só, um verdadeiro caos. Pouco tempo depois, o círculo estava feito e novamente todos estavam acomodados, quietinhos a espera das ordens da mestra.

Quase 30 alunos, quase 30 estórias diferentes: relatos de visão de fantasmas que vinham anunciar botijas, barulhos e grunhidos à noite no quintal de casa, mulas sem cabeça, preto velho e fogo vindo não se sabe de onde na escuridão, e que se ia sem deixar pistas; seres extraterrestres e entidades das matas. E a cada estória contada a professora arrematava com a relação que há entre essas situações e as estórias do folclore brasileiro – mas, antes de tudo, tratava-se de um folclore da realidade vivenciada por aqueles alunos ávidos por desvendar o desconhecido, saciar a curiosidade e satisfazer o imaginário. E a aula terminou com a professora pedindo para que escrevessem ou desenhassem o que contaram, num exemplo pedagógico que mais parecia coisa de estudioso da área de educação repetindo experiências consagradas. Na verdade, foi uma experiência que surgiu da necessidade e da iniciativa espirituosa que aquela professora teve em transformar um momento de desespero e descontrole em uma aula proveitosa e gratificante. Pela sua alegria, no final da aula, deu para pressentir que a professora, naquela noite, dormiria muito bem consigo mesma e voltaria no, dia seguinte, renovada e

esperançosa de realizar novas façanhas pedagógicas tão prazerosas – mesmo em se tratando de uma escola pública de tão poucos recursos a oferecer.

Em qualquer disciplina de qualquer série ou fase de ensino, é possível estabelecer essas ordens em lugar do tradicional controle. Para tanto, é necessário que os professores discutam isso em conjunto, troquem experiências e compartilhem resultados positivos; integrem as disciplinas e realizam atividades conjuntas.

A presença de espírito é fundamental: o bom professor deve ter sempre cartas na manga, com assuntos e exercícios divertidos para situações de improviso. Lembro do caso de uma professora de escola particular que chegou para dar aula de português na 7ª série do 1º grau e os alunos estavam agitadíssimos. Ela logo procurou saber o que se passava: na aula seguinte eles teriam uma prova de matemática e queriam porque queriam, estudar matemática. A escola deixaria que você liberasse os alunos? Claro que não. Mas você também sabe da barra que teria de enfrentar, contrariando sua pequena multidão de adolescentes.

A reação da professora foi imediata. Lembrou-se de que um dos assuntos a ser ministrado mais adiante dizia respeito à matemática: grau dos adjetivos, *mais do que, menos do que, tanto quanto*, e sugeriu à turma: por que não adiantamos esse assunto que lhes é necessário para o assunto da prova? A aula foi realizada com pesquisas nos livros e exercícios em sala e o resultado não podia ser diferente: os alunos foram capazes de melhorar seus desempenhos no exame de matemática, pelo que se tornaram gratos à professora.

É exatamente esse o processo de passagem de uma ordem a outra. Não há mudança que não provoque esses momentos de instabilidade e desequilíbrio do estado anterior, por isso tememos tanto sair da posição confortável tradicional para a situação nova, que provoca desentendimentos e receios momentâneos. Porém, logo temos a cara do novo à nossa frente.

Indo um pouco mais além nessa questão de controle e ordem, podemos perceber que enquanto a natureza sempre utiliza o conflito como forma de evolução das espécies, entre elas, nós, seres humanos, a cultura humana sempre viu o conflito de forma negativa. Talvez, por isso não saiba tirar todo o proveito desse estágio fundamental de crescimento e desenvolvimento.

Partamos de um exemplo elementar observado por alguns estudiosos: como surgiu a asa das aves? Surgiu de uma asinha insignificante que foi crescendo até um dia poder ser usada? Não. As asas das aves apareceram a partir da necessidade de superar os conflitos da sobrevivência. Os pequenos animais eram caçados por seus predadores, e tinham que correr cada vez mais rápido, saltar mais e mais longe, com equilíbrio e estabilidade para não serem pegos. Ao apoiarem-se nas suas patas traseiras para pegarem impulso, passaram a utilizar as patinhas dianteiras como apoio aerodinâmico nos grandes saltos. Com o desenvolvimento dessa prática, aperfeiçoaram o processo. A natureza, pacientemente ao longo de milhares de anos, se encarregou de transmiti-los às gerações seguintes.

Observamos, então, que, quando uma ordem natural já não corresponde às exigências da vida, sur-

gem os conflitos, em forma de caos, desequilíbrio, desentendimentos e instabilidades, como passagens para novas ordens que irão se configurar. Por isso, dizem os chineses, a palavra *crise* significa perigo e oportunidade: perigo porque é um momento de confronto, mas, oportunidade de se deixar para trás mesquinhas e receios para que se possa agarrar o novo, a renovação. E foi assim que Deus dotou a Natureza: com essa capacidade de evoluir em busca do melhor. Isto está presente em cada elemento do universo e dentro de cada um de nós.

Logo, na aprendizagem humana não poderia ser de outro modo. Diversos filósofos já perguntaram: qual o momento da vida no qual a gente mais aprende? Resposta: quando somos crianças! Por quê? Porque nenhuma criança fica em repouso, num canto – a não ser que esteja doente. Elas correm, gritam, pulam, arengam, berram, choram, quebram, caem, descobrem e aprendem. Elas geram o maior número possível de informações porque precisam aprender a reconfigurar seus conhecimentos continuamente. E somente quando se tornam adultas, quando acham que já aprenderam o suficiente, param de aprender e se conformam.

Analisemos agora as relações humanas: nossos conflitos com nossos pais, com nossos filhos e nossos esposos e esposas; nossos conflitos com os outros, na rua, no trânsito, na vizinhança; nossos desentendimentos com os alunos e pais; com colegas e diretores, são desequilíbrios por divergência de interesses. E como a cultura humana vê o conflito de forma negativa, adota-os como motivos para romper relações, impor superioridades, criar mágoas e rancores, arquitetar vinganças. Ficamos noites

e dias remoendo raivas e ressentimentos.

Somente quando entendemos o conflito como passagem de uma ordem para outra, é que aprendemos a direcioná-lo para resultados satisfatórios. Com isso, passamos a ter controle sobre a situação – quem perde o controle, perde a razão. Ou seja, se nos chatearmos com alguém e, ao invés de fazer especulações fúteis sobre aquela pessoa, dermos um tempo para ela e para nós, com certeza, muita coisa voltará ao seu lugar de normalidade. Um dos dois ou ambos reconhecerão seus erros ou exageros, estabelecendo uma nova relação pessoal, muito mais forte e muita mais sincera que a anterior. Quando se rompe relações, sempre se perde alguma coisa – às vezes, para sempre.

Portanto, é dessa flexibilidade de postura que o professor pode assumir, que advém o respeito à sua autoridade – e é uma flexibilidade responsável e coerente com os objetivos educacionais da escola que constrói sempre novas ordens de ensinar e de aprender.

Em busca de uma competência emocional

A Inteligência Emocional, observam os estudiosos, está centrada no lado direito do cérebro humano, tornando-se uma sabedoria capaz de regular funções como a intuição, a criatividade e a percepção mais integral do mundo. Quando se aprende a explorá-la integrando-a à mente racional, explora-se um universo ilimitado de possibilidades.

Para isso, é necessário que nos mantenhamos conscientes de nossos próprios sentimentos quan-

do eles ocorrem, permitindo o desenvolvimento que nos leva à descoberta de satisfações e realizações na vida pessoal e profissional.

Por sua vez, os sentimentos de medo, raiva, rancor, ansiedade, intolerância e irritações gratuitas, sempre levam nosso organismo ao desequilíbrio, deixando-o debilitado para diversos males. Somente quando aprendemos a compreender e a administrar as nossas próprias emoções é que nos tornamos aptos a manter a saúde, a proporcionar uma qualidade de vida melhor e a partir em busca de nossas conquistas. Afinal, qualquer um de nós só se torna consciente de si e de suas possibilidades, quando passa a perceber quem realmente é nos momentos de crises e confrontos.

É fundamental sabermos usar nosso sistema emocional para criar motivação para o que queremos realizar. Essencial também é envolvermos nesse processo, as pessoas que amamos e com as quais nos relacionamos bem no lar, no ambiente de trabalho, na rua etc.

Se você parar para pensar um pouco, vai perceber que as nossas emoções atuam diretamente nos processos de criatividade e constroem relacionamentos mais sinceros e afetuosos para com todos aqueles que nos rodeiam.

Em qualquer lugar em que atuamos, na escola, no convívio da família ou na sociedade, quando alimentamos sensações mesquinhas e individualistas, permitimos que se instaurem distúrbios físicos e mentais em nós mesmos. As pessoas individualistas não parecem estar capacitadas para viver a vida plenamente e acabam por rejeitar as mudanças, ficando rapidamente para trás, fechados em seus castelos

de pedra, a pedra fria do egoísmo e da solidão.

Nossos sentimentos são a base de nossa autoconfiança, e é através dela que construímos objetivos cada vez mais altos. Nossos sentimentos, repito, permitem-nos vivenciar e pesar as habilidades mentais para enfrentar e solucionar adversidades.

Por que não pararmos um momento para pensar em nossas emoções como a parte de nós mesmos que nos conduziram aonde estamos? Sem as alegrias e tristezas, sonhos e ilusões, somos apenas um punhado de lembranças de fatos e situações Registrados na memória. As emoções dão significado e sentido à nossa existência. E os pequenos momentos de prazer e satisfação é o que faz a vida valer a pena, afinal de contas.

Parte II

De práticas e reflexões

Singularidade e pluralidade em sala de aula

Uma mãe zelosa pela saúde de seus filhos prepara a comida de todos os dias com os ingredientes bem escolhidos: cereais, legumes, frutas, verduras, carnes – procurando proporcionar-lhes proteínas, fibras, vitaminas etc.

E logo essa mãe aprende que, embora seu propósito seja proporcionar os nutrientes de que precisam para crescerem fortes e saudáveis, cada um tem seus gostos e suas maneiras de se alimentar: um adora cebola, outro detesta; um gosta de fazer mistura, outro, se misturar, não come; um come devagar, quase parando, outro quer engolir pra sair da mesa; e ela vai conciliando essas exigências para que todos aproveitem ao máximo os benefícios da alimentação.

Ainda bem que as mães não tem 30 ou 40 filhos como o professor tem de alunos em sala de aula. Mas é com essa situação que nos deparamos na sala de aula: a singularidade e a pluralidade. Preparamos um conteúdo da disciplina para aquela aula, e este precisa ser apreendido por dezenas de cabeças pensantes diferentes, cada um com sua maneira de ser, suas facilidades e dificuldades peculiares: enquanto um engole fácil o conhecimento, outro precisa mas-

tigá-lo com calma para poder digeri-lo – e outro há que gostaria que o professor mastigasse pra ele...

Aliás, essa lição aprendi logo cedo com um certo professor relâmpago do qual não recordo o nome: ele distribuiu em sala uma acerola madura para cada um de nós alunos, e nos deliciamos com a frutinha. Em seguida perguntou se não seria melhor que ele tivesse primeiro mastigado a acerola para que depois pudéssemos comê-la. Claro que ninguém concordou com a idéia. Ao que o professor arrematou: “Isso também serve para o conhecimento. Não queiram que eu o mastigue se vocês podem saboreá-lo por conta própria”.

Basta observamos atentamente o resultado das provas que aplicamos para ver a diferença de respostas e procedimentos apresentados por cada um dos alunos, quando, na verdade, gostaríamos que todos respondessem do mesmo jeito – como se tivessem aprendido de forma padronizada. E essa questão, não faz muito tempo, pude vivenciá-la na pele.

Na minha condição de aluno de doutorado, inscrevi-me para realizar a prova de proficiência em língua estrangeira, ciente de que meu estudo diário de tradução me permitiria ser aprovado com facilidade. Mas não foi o que ocorreu.

A prova estava tão elementar, com questões para marcar X sobre palavras retiradas de um texto, que eu achei que havia algo mais de complicado. Não acreditei que as respostas fossem realmente as mais simples – parecia prova para aluno de 1º Grau. Resultado: “me ferrei”, como dizem os alunos. Tirei uma nota abaixo da média exigida. Somente na prova seguinte – felizmente a anterior não era eliminatória – quando estava mais atento e a prova exigiu

um conhecimento de tradução propriamente, é que pude contemplar uma nota justa.

Isso me fez observar e refletir mais profundamente sobre as provas que elaboro e aplico aos meus alunos. Muitos dos resultados negativos alcançados por eles são provocados por fatores diversos que não aqueles que a gente imagina, tais como falta de estudo, preguiça, incapacidade. Uma parcela desses resultados tem origem mesmo na forma como ensinamos, nos tipos de relações que temos em sala de aula, no qual alguns alunos receiam dizer que não compreenderam para não serem gozados pelos colegas ou mal vistos pelo professor.

Significa dizer que podemos evitar muitas das nossas aflições e dores de cabeça quando estabelecemos uma prática de ensino na qual se levam em conta as diferenças de aprendizagem. Não apenas conferindo quem aprendeu, mas, antecipando a isto ao apresentar o conteúdo de diferentes maneiras, de modo a ir além da perspectiva tradicional de expor o assunto.

Devemos, inclusive, entender que as únicas fontes de conhecimento e ensino na escola não são o professor e o livro, e recorrer à prática de pedir que colegas do aluno expliquem-no o assunto na linguagem deles. Isso permite que um assimile ainda mais o que aprendeu ao transmitir tal saber, e motive o outro a dar maior atenção ao aprendizado – principalmente quando quem ensina é um colega do sexo oposto.

Forças que atuam na nossa formação

Mas, quais as causas prováveis dessa diferença de aprendizagem nos alunos de um modo geral? São inúmeras, é verdade, porém, alguns fatores podem ser delimitados para nos proporcionar uma maior compreensão e, por conseguinte, um domínio apropriado da situação. Isso, com certeza, tornará o nosso esforço mais satisfatório e gratificante.

Observe que existem três forças agindo sobre a nossa formação humana, e que foram devidamente explicitadas por Joseph Chilton Pearce, no livro **A criança mágica**. Há uma força genética, atuando sobre nosso crescimento; outra força cultural, proveniente do meio no qual vivemos e uma terceira, pessoal, ou seja, os caminhos que cada um de nós deseja seguir para a realização de sonhos e projetos pessoais.

A força genética é essa que realiza uma transmissão da hereditariedade. Do mesmo modo que herdamos a aparência física de nossos pais e avós, herdamos também outros aspectos fisiológicos que compõem geneticamente nosso organismo. Isso determina certas estruturas orgânicas de nosso corpo, cujas peculiaridades, se forem bem conhecidas, permitem-nos tirar proveito de muitas habilidades, evitando o insucesso de outras.

Um exemplo prático disto: se um professor de Educação Física quiser que seu aluno seja um campeão de corridas de 100 metros rasos, pode proporcionar-lhe o que há de melhor na área, treinamentos, técnicas, alimentação etc., e mesmo assim não obter os resultados desejados. Afinal, seu aluno pode ter uma musculatura cuja constituição não atenda

o esforço inicial exigido para esse tipo de corrida. Mas, a criança pode ter uma constituição muscular que demora a esquentar, e que alcança uma resistência para corridas de maratona. Portanto, quando se descobre as características físicas e orgânicas de uma criança, pode-se ajudá-la a tirar melhor proveito com a escolha de esportes apropriados.

No caso da adolescência, por sua vez, essa ação genética surge através de formas inusitadas: hormônios provocando transformações corporais, mudanças orgânicas pedindo novos comportamentos, estruturas neuronais exigindo autonomia de pensamento etc.

A cultura, por sua vez, é essa força que nos torna humanos. É iniciada pela nossa família e se estende depois, pela educação, pela religião, pela mídia e pelos demais componentes sociais. Portanto, a sociedade mobiliza essa força no sentido de tornar as pessoas, cidadãos inseridos em costumes e normas. Essa força cultural, por um lado, nos impulsiona para a vida em comunidade em nome da condição social humana, delegando-nos um conjunto de crenças que nos faz pertencer a um povo, a uma nação, a uma profissão enfim.

Mas é uma força cheia de suas próprias contradições. A começar pelos pais. Já se disse que o partido mais conservador que existe é o partido dos pais. Nossos pais sempre quiseram o melhor para nós desde a mais tenra infância, nos protegendo, nos cerceando, nos aconselhando, mas sempre querendo que tivéssemos um comportamento exemplar, sem correr riscos, sem cometer ousadias ou irresponsabilidades. Ao mesmo tempo, desejam que sejamos bem sucedidos, que consigamos vencer...

Como poderemos alcançar isto sem enfrentar riscos e perigos? Só compreendemos essa contradição quando também nos tornamos pais.

A terceira força, como já foi dita, é a vontade individual. Nossos desejos e nossas buscas pessoais. Lutamos para nos livrar das amarras. Estamos sempre querendo quebrar regras e libertarmos desses grilhões sociais. Ao contrariarmos esta força, provocamos reações adversas sem que tenhamos consciência dela. Os adolescentes reagem em defesa de seus interesses, procurando contrariar a pressão social que lhes quer impor padrões de comportamento e valores de uma geração que não é a deles.

E em nossa condição de professores vemos isso claramente, nas gerações atuais que lutam para se libertar dos valores das gerações anteriores; nos jovens que estão confrontando constantemente as autoridades instituídas para lhes conduzir; naquele aluno que parece ter alguma coisa contra a nossa pessoa, e que, na verdade, quer se livrar das imposições dos adultos, reagindo contra nossas propostas pedagógicas e nos desafiando – até mesmo nos desrespeitando.

Mas quando nossa condição de professor permite perceber essa situação, muita coisa pode mudar. Vemos, então, que muitos dos conflitos são gerados pelo desequilíbrio dessas três forças – e muitos alunos superam essa fase conflituosa quando aprendem a equilibrar as três, obtendo resultados surpreendentes.

Isso explica porque, inclusive, alguns professores se saem tão bem na sua tarefa de ensinar, sem que saibam explicar muito bem o motivo. Parece até um dom natural. Na realidade, aprendem a lidar com a

diversidade de maneiras de pensar e agir de seus alunos, negociam as suas exigências pedagógicas junto a eles com certa flexibilidade e permitem que muitos façam opções por maneiras de apresentar seus resultados de forma peculiar a seus interesses pessoais, contanto que não fujam do propósito pedagógico de construir o conhecimento que está sendo proposto e que possa ser compartilhado com os demais.

Talvez alguns exemplos possam ser mais esclarecedores: minha esposa é professora de português tanto do 1º. quanto do 3º. grau, e suas práticas e dinâmicas muito me inspiram. Quando ela precisa ensinar assuntos de gramática, sabe que vai enfrentar dificuldades de aprendizagem por parte dos alunos. Alguns usam muito bem a memória, decorando procedimentos lógicos; outros precisam de exemplos como modelos; alguns realmente aprendem os processos e há, ainda, os que rejeitam a disciplina porque a consideram muito "técnica" para eles. A professora logo recorre a práticas diversas como: musicalização das normas e dos procedimentos que facilitam a memorização; encenação de peças onde os personagens são os termos e os conceitos, permitindo uma interação orgânica e corporal com um conhecimento tão intelectual; redação de histórias e narrativas muito usadas por diversos autores que transformam os termos e conceitos em personagens enredados em tramas engraçadas, a exemplo do livro **Era uma vez uma vírgula**, da professora Joana Berlamino, que narra a intriga dos sinais de pontuação; cartazes, peças radiofônicas, entrevistas e muitos outros recursos.

Esses procedimentos exigem planejamento e in-

ventividade do professor, porém, evitam o desgaste e o esforço de manter os alunos num estado de atenção constante, mesmo diante de assuntos que detestam. E os resultados são, primeiro: proporcionar que os alunos ou grupos de alunos realizem o aprendizado a partir de atividades dinâmicas e apropriadas às características mentais e físicas deles; segundo: fazer cumprir o programa curricular aplicando o assunto e alcançando resultados, sem desgastes, e conquistando o respeito dos alunos; terceiro: satisfazer vontades dos alunos de realizarem o que é próprio de suas idades, em busca de expressão própria que evidenciam as suas formas de ser.

As múltiplas inteligências de que dispomos

Por isso, para encerrar esta unidade, é que vale aqui um pouco do conhecimento proporcionado pelo importante estudo do Psicólogo Howard Gardner em sua teoria das múltiplas inteligências. Gardner percebeu que nós, seres humanos, temos diferentes formas de aprender e pensar com habilidades específicas que ele chamou de múltiplas inteligências, definindo, primeiramente, sete delas, mas depois apontando mais uma. São as inteligências: lingüística, matemática, musical, espacial, psicomotora, extra-pessoal, intra-pessoal, pictórica e naturalista. O psicólogo mostrou que podemos ter várias, com algumas predominantes e as outras podendo ser trabalhadas. Desse modo, um aluno pode se sair muito mal em matemática – sendo considerado, às vezes, burro –, e vir a ser um excelente ator porque tinha

as habilidades para tanto sem que aparecessem.

No nosso caso em questão, percebemos de cara que ao proporcionarmos uma diversidade de maneiras de aprender, permitimos que as diferentes inteligências conceituadas por Gardner possam se manifestar. E, o que é mais importante, uma auxiliar as outras. Tenho a experiência pessoal de meus filhos que ainda estão em idade escolar, e que resolveram suas dificuldades em matemática depois que passaram a estudar música – é provável que nem queiram seguir carreira de músico, não importa. Importa que isso possa contribuir para que escolham melhor seus caminhos.

Assim, quando auxiliamos os nossos alunos a desenvolverem atividades escolares das formas as mais variadas, contribuímos para que descubram como diversificar procedimentos pessoais para melhorarem a performance em outras áreas nas quais encontram dificuldades.

A construção de uma Educação Criativa

A Criatividade é uma capacidade humana que se manifesta nas instâncias internas e externas do ser, podendo ser estimulada e exercitada, sobretudo, pela Educação.

Enquanto atividade pedagógica pode ser facilitadora e estimuladora do processo de ensino e aprendizagem, pois, além de ter um estatuto próprio e ser pesquisada há mais de um século, está presente na essência de perspectivas educacionais contemporâneas: no método montessoriano, nas perspectivas construtivistas e sócio-interacionistas de Piaget e

Vygotsky, nas técnicas de Freinet e no método de Paulo Freire.

Não se trata de uma habilidade intelectual à parte da inteligência humana, mas tem estado fora do conceito comum de “inteligência” enquanto “competência intelectual” – conceito este que é culturalmente estabelecido e permeado por uma apropriação ideológica para lhe assegurar valor acadêmico-científico.

O estímulo à capacidade criativa vem a ser um caminho apropriado para o desenvolvimento de uma potencialidade presente em todos nós. E a possibilidade de um desenvolvimento espontâneo, mas voluntário, da Criatividade torna-se concreta por uma constatação elementar. Antes vista como uma inspiração divina ou um dom de privilegiados, a Criatividade, aos poucos, foi sendo percebida como uma capacidade própria da natureza humana, circunscrita a uma perspectiva mental e psicológica compreensível, como explica Mauro Rodriguez Estrada no seu **Manual de criatividade**: “A ciência do século XX, sobretudo a partir de Freud, desmistificou a criatividade ao demonstrar que não é a inspiração das musas, mas o salto do inconsciente à consciência, que causa a vivência da iluminação”.

Foi importante ainda a passagem da Criatividade de tributo individual a um bem social. Segundo o pesquisador espanhol Saturnino De la Torre, o que em outros tempos se explicava como capacidade exclusiva dos gênios, hoje é considerada como qualidade inerente, em maior ou menor grau, a todo ser humano. Neste sentido, a conduta criativa se reconhece pela manifestação de idéias pessoais. Significa dizer que toda atividade humana é passível de con-

ter idéias pessoais e qualquer contexto ou profissão são válidos para expressar a Criatividade. Podemos falar de ensino e aprendizagem criativos, de técnicas e métodos criativos, mas sempre com referência à pessoa, fonte de toda a criação mental.

É no ser humano que ocorrem os processos criativos, envolvendo suas percepções conscientes e inconscientes, ativadas a todo instante durante a sua vida, de maneira racional ou intuitiva. Os processos intuitivos são responsáveis por trazerem à tona informações armazenadas no inconsciente, revelando perspectivas e aspectos não racionalizados pelo indivíduo. Isso porque o inconsciente tem uma linguagem própria, cujos filtros transformam as informações em linguagem verbal ou imagética – quer sejam referenciais ou simbólicas –, para serem concretizadas pelo indivíduo de acordo com suas habilidades e suas maneiras de se relacionar com o mundo. Conseqüentemente, a inspiração ou o *insight*, que antes era visto como uma coisa mágica, misteriosa ou privilégio de alguns, passou a ser um processo natural nos indivíduos, ocorrendo, geralmente, de forma imperceptível à consciência.

Atualmente já se tem plena consciência dessa relação intrínseca e relativa das pessoas com os seus pensamentos criativos. Mauro Rodriguez Estrada afirma que a inspiração é um aspecto natural da Criatividade, pois, para o artista, é a forma desejada e buscada; para o cientista, é a hipótese que explica os fatos; e para qualquer pessoa, é a solução ao problema que ela traz nas mãos. Segundo Estrada, existe uma relação muito estreita entre o problema e a Criatividade, uma vez que, por definição, todo problema apela para a Criatividade de alguém, já

que o sujeito não conhece a solução. Suas rotinas de pensamento e as técnicas bem conhecidas não lhe servem para o caso, por isso tem o problema. Como a maioria das pessoas não é de pintores, escritores, nem diretores de cinema, pode-se dizer que o uso mais comum e cotidiano da Criatividade, para quase todo o gênero humano, consiste em enfrentar e resolver problemas.

Daí porque estivemos propondo há anos uma Educação Criativa – a criatividade do professor em desenvolver práticas pedagógicas prazerosas que se colocam a serviço do desenvolvimento da criatividade dos alunos de um modo geral. Suas bases já foram devidamente suplantadas no livro que resultou de nossa dissertação de mestrado: **Educação Criativa – ensinando a arte de aprender e aprendendo a arte de ensinar**. Aqui, ao retomamos sob uma nova perspectiva, a inserimos no contexto de uma visão emergente que todo professor moderno precisa realizar: o resgate de sua integridade e sua dignidade, no papel de educador de si mesmo, para poder melhor educar os outros.

Para tanto, é preciso que reconsideremos alguns valores e conceitos intrínsecos da natureza humana. O aprendizado como uma forma de diversão, por exemplo, ainda é visto com preconceito.

O processo lúdico: a brincadeira e o jogo

Nossa sociedade tem o trabalho como coisa séria. Diversão é para a arte. Mas é pela brincadeira que todo filhote de mamífero aprende: o jogo estabelece regras e ajuda a controlar as emoções.

A Educação Criativa é um forte apelo ao processo lúdico de ensino e aprendizagem. Com já dissemos em obras anteriores, um estímulo constante à fantasia e à imaginação, aos jogos de um modo geral. Mas, é pertinente acrescentar, que um dos grandes obstáculos a ser superado na educação *tradicional* é a rigidez das práticas pedagógicas que impõe o caráter escolástico do ensino e exige a disciplina e a ordem como fatores fundamentais de aprendizado, relegando a “brincadeira” a um plano secundário. Na verdade, as exigências de atenção e seriedade no ensino estimulam mais a memorização e, o que é pior, as estratégias dos alunos em fazerem de conta que já sabem. Ainda por cima, contrariam, de forma explícita, a própria natureza infantil da experimentação e da busca ao prazer de vivenciar as descobertas.

Nós, professores, temos essas duas grandes e imediatas reflexões a fazer: primeiro, o ensino mecânico e burocrático é eficiente somente no desenvolvimento de uma intelectualidade escolar restrita, mas é desumanizadora porque exige a decoreba, a memorização forçada, e não atende aos interesses dos alunos; segundo, a compreensão de que a brincadeira, o jogo, as atividades lúdicas, longe de promover a indisciplina e a desordem, fazem parte da mente infantil, naturalmente ávida pelo que dá satisfação, pelo desvelamento dos mistérios do cotidiano, pelo que lhe é desconhecido.

O problema relacionado a esta última questão, diz Luise Weiss em seu livro **Brinquedos & engenhocas**, é que *trabalhar* numa sociedade competitiva é uma atividade superior. *Brincar* não rende dinheiro, não é lucrativo, enquanto que trabalhar significa

competir, sobreviver. Geralmente, o ato de brincar é mostrado como uma recompensa após o estudo ou o trabalho. Em nossa sociedade, o lazer não existe sem o trabalho, e vice-versa. Esse fato é de tal maneira introjetado culturalmente que a maioria dos adultos têm dificuldade em aceitar o lado do prazer no próprio trabalho e manifestam sentimentos de culpa em relação ao ócio.

A criança, principalmente, passa por um período de simbolismo no qual a atividade lúdica é vital, e a fantasia é um universo fantástico a ser explorado enquanto vivência de prazeres e alegrias. Por que, então, não permitir que a conquista da língua vá se dando de forma lúdica, com auxílio de jogos, com imaginação, fantasia, com um aprender a ler e a escrever que dá prazer e que libera a inventividade? Assim, o professor assume, como objetivo geral, trabalhar a linguagem como instrumento de uma Educação Criativa que permite a instauração da liberdade de expressão e pensamento, do senso crítico, para que os alunos possam agir criativamente na comunidade na qual habitam.

Uma importante qualidade da linguagem, diz Gianni Rodari, é que ela é imaginária, por isso não expressa propriamente a realidade, indo muito mais além. A linguagem, na verdade, supera a realidade, desprendendo-se dela e reelaborando as situações e vivências. E é o livre uso de todas as possibilidades da língua que representa uma das mais ricas perspectivas em que a Criatividade pode expandir-se.

Com relação aos jogos – cujo processo está presente em todas as atividades escolares, das mais simples, como os jogos de palavras, aos mais complexos em que grupos de alunos encenam aventuras

e estabelecem as regras -, o mais importante é que o professor saiba explorar, não só o aspecto lúdico já citado, mas principalmente a espontaneidade das crianças.

A educação criadora, reforçam estudiosos da área, utiliza o jogo no processo educativo como condição indispensável para se alcançar o equilíbrio psicofísico através das funções de construção do imaginário; liberação de elementos emocionais subjetivos; exploração através dos sentidos. Significa dizer que a atividade lúdica, através da imaginação e sensibilidade criadoras, propõe várias formas para solucionar problemas de vida, propiciando e incentivando a exploração do potencial criador.

Uma vez que o sistema educacional não consegue acompanhar a dinâmica do processo de compreensão que se tem da criança, cabe ao professor a tarefa de colocar em prática uma educação que siga esse processo.

As metáforas da Educação

Um rico empresário, desses para quem o dia devia ter mais de 24 horas devido às atribulações dos negócios, vivia reclamando de uma dor nas costas. Havia consultado alguns médicos que lhe receita-ram diversos remédios. Mas a dor sempre voltava. Aconselharam-no massagens, mesmo assim, a dor persistia. Até que ele ouviu falar de uma terapeuta de descendência chinesa que fazia um tipo de massagens diferentes, com beliscões. Como num ato de desespero, mesmo descrente, mandou chamá-la – ela atendia no próprio escritório dos clientes.

A mulher, de gestos simples, franzina e de olhos pequenos, cumprimentou-o, pediu que retirasse a camisa e curvasse as costas na direção dela. Reticente, o empresário, ajudado pela secretária, obedeceu. E para seu espanto, a mulher começou realmente a beliscar-lhe as costas, principalmente em volta do lugar onde a dor sempre o castigava. Os beliscões incomodavam de início, mas em poucos minutos, pareciam massagens. Não demorou mais que vinte minutos. A mulher parou e o empresário ficou em silêncio, como se esperasse a dor voltar. Mexeu as costas, torceu os ombros, nada de dor. Ficou maravilhado, agradeceu a mulher e disse que ela realmente fizera jus à reputação. Orientou-a a deixar a conta com a secretária, agradecendo mais uma vez.

Porém, quando tomou conhecimento do preço daquela consulta, assustou-se. A mulher deixara uma conta de 300 reais, ao que ele retrucou: “ela não demorou mais que vinte minutos, beliscou aqui, beliscou ali e pronto, cobrou tudo isso. Pelo menos quero saber o que estou pagando. Quero que essa mulher discrimine o que custa tão caro nessa consulta”. E mandou esse pedido à terapeuta. Ao que ela devolveu, de forma discriminada:

- Beliscões: 50 reais
- Saber onde beliscar: 250 reais

Isso serviu para convencer o empresário. Porque é isso que vale o trabalho de um profissional: sua reputação. Ou seja, aquilo que fazemos melhor do que qualquer outro, o que fazemos como ninguém, de forma competente, é o que vale o nosso salário.

Podem até nos tirar o emprego, mas ninguém tira a nossa competência, que sempre será bem paga por quem a reconhece e dela necessita.

Pense no melhor professor ou professora que você conheceu, aquele que todos concordam que seja um bom mestre. O que ele tinha para valer a reputação? Era bonzinho e deixava todo mundo passar? Tinha moral e exercia sua autoridade sobre a turma? Ou, na verdade, era a sua maneira de ensinar? O modo como fazia os alunos aprenderem? A maneira peculiar como transmitia os conhecimentos?

Mas, ser competente, construir uma reputação, exige esforço e dedicação. É preciso, antes de tudo, aprimorar aquilo que se faz. Se você ensina do mesmo modo que o fazia há um ou dois anos atrás, então alguma coisa está errada. É necessário investir em si mesmo, observar como os outros evoluem e, principalmente, aperfeiçoar a sua maneira de ser e trabalhar.

Numa época em que muitos homens viviam de cortar lenha, um lenhador chamou outro amigo lenhador para irem à mata juntos naquele dia. Chegaram ao local e começaram a cortar madeira às sete horas da manhã. Entretanto, cada um tinha uma maneira peculiar de fazer o seu trabalho. Enquanto um deles cortava lenha ininterruptamente, sem parar um minuto sequer, o outro cortava durante 50 minutos e descansava 10.

No final da manhã, pararam para almoçar e o que não queria perder tempo achou que havia cortado mais lenha. Porém, para sua surpresa, o amigo tinha um monte de madeiras cortadas muito maior que o seu. Intrigado, foi questionar o amigo: "Nós temos praticamente o mesmo físico, nossos macha-

dos são iguais, eu cortei lenha sem parar, enquanto você parava dez minutos a cada cinqüenta, como pode ter cortado mais lenha?” – ao que o amigo respondeu: “Ora, cada vez que eu parava para descansar, aproveitava para amolar o machado. E um machado amolado, corta duas vezes mais”.

De fato, quem aperfeiçoa seu próprio trabalho, acaba alcançando resultados bem melhores, porque descobre maneiras de evoluir. E essa postura de aprender a melhorar, não se relaciona apenas àquele tipo de atividade que julgamos importante na profissão. Qualquer atividade cotidiana, feita com prazer, resulta em aprendizado para a vida. Qualquer momento do dia pode servir para uma reflexão. É o caso dos jovens que queriam ser monges.

Ambos se apresentaram a um mosteiro. Em pouco tempo aprenderam a meditar, orar e fazer reflexões sobre a existência humana, sobre suas próprias vidas. Mas tinham um atrativo em comum: gostavam de jogar damas. Certo dia, logo após o almoço, foram para debaixo de uma mangueira e ficaram lá, quietinhos, divertindo-se. Estavam tão entretidos que não perceberam a chegada do mestre, um velho sábio de barbas compridas. Assustaram-se ao terem sido flagrados e pediram mil desculpas: “Perdão, mestre, devíamos estar refletindo e meditando sobre a vida, e estamos aqui, jogando damas”. Ao que o mestre, carinhosamente respondeu: “Não importa se estão jogando damas, importa saber se estão tirando proveito desse divertimento para refletir sobre a existência. Vejam bem, na dama, como na vida, damos um passo de cada vez. Na dama, como na vida, um ato realizado não pode ser desfeito, mas pode ser corrigido no ato seguinte. Na dama, como na vida,

quando alcançamos nosso objetivo – a posição de damas – é que estamos prontos para ir aonde quisermos”.

Veja quantos ensinamentos e descobertas pudemos fazer com algumas alegorias. São poderosas metáforas que ensinam e despertam a mente para lições que geralmente não damos atenção. Como escrevi no meu livro, **DeZcaminhos para a criatividade**, em um capítulo inteiro dedicado às metáforas: uma metáfora não é a realidade propriamente, mas é capaz de revelar-nos profundas verdades da natureza humana. É exatamente por isso que dizemos que ela não é real, mas é verdadeira.

As alegorias são, dos recursos didáticos, os mais eficientes e gratificantes de que o professor pode dispor na sala de aula, em qualquer que seja a sua disciplina. São fábulas e parábolas que se dirigem a nós, seres humanos, como um todo. Não só por causa de suas belas lições morais, mas porque estimulam a sensibilidade e a percepção humana, facilitam os processos de memorização e agem diretamente sobre nosso inconsciente de forma reveladora. Ela contém verdades as mais profundas, as mais singelas. E são formas milenares, em todas as culturas, de transmitir verdades de geração à geração.

Sua importância é tão evidente que o profeta Kallil Gibran escreveu uma alegoria sobre a alegoria em forma de verdade, adaptada no livro **Como educar por parábolas**, de Alfonso Francia.

Era um velho rabino judeu, célebre por sua sabedoria. Todos o admiravam por seu talento. Alguém lhe perguntou, certa vez, por que, sempre que falava, o fazia por meio de parábolas ou contando alguma história. E ele respondeu com uma história, a

história da verdade:

A verdade passeava no meio dos homens, sempre sem disfarces, nua e crua. Todos viravam o rosto para não vê-la nem recebê-la. Diziam que era por vergonha, mas, decerto, era por medo. Ao ver-se tão repelida, indesejada e temida, encheu-se de tristeza e desânimo. E, nesse estado, encontrou-se com a Parábola, alegre e vestida com muitas cores. “Por que estás tão tristes e desolada?” perguntou a Parábola à Verdade. “É que estou tão velha e tão feia – respondeu a Verdade – que os homens fogem de mim”. “Que bobagem! – disse, rindo-se, a Parábola – não é por esse motivo que fogem de ti. Olha, coloca esses adornos e verás como te seguem e como te tratam”. E, de fato, as coisas lhe saíram às mil maravilhas.

Então concluiu o rabino:

É que os homens não querem a verdade nua, mas disfarçada.

E quando dissemos que as alegorias podem ser usadas em qualquer disciplina, não foi exagero. Em matemática, por exemplo, quem não conhece as famosas alegorias contadas no livro, **O homem que calculava**, de Malba Tahan, pseudônimo do professor de matemática Júlio César de Mello e Sousa, que alcançou enorme sucesso no mundo inteiro. Nesta obra o autor conta as aventuras de Beremiz Samir que, viajando pelo oriente e vivendo entre reis e califas, realiza cálculos matemáticos e geométricos de forma simples e espantosa, através de belíssimas estórias. Muitas dessas narrativas com certeza permitem aos alunos verem toda a beleza e utilidade da matemática, perdida há muito tempo entre cálculos enfadonhos e fórmulas técnicas do tradicional

ensino dessa matéria. Não nos admira que muitos alunos rejeitem a disciplina quando aplicada dessa forma. O exemplo dos 35 camelos é ideal para apresentar aos alunos os conceitos e usos das frações:

O homem que calculava vinha com um amigo pelo deserto, ambos montados em um camelo já cansado, quando avistaram, num refúgio, três homens discutindo diante de um grupo de camelos. Aproximaram-se e perguntaram o que estava acontecendo. Ao que um deles explicou:

Nosso pai, antes de morrer, deixou-nos como herança esses 35 camelos, mas para serem divididos da seguinte forma: A metade para o filho mais velho, a terça parte para o segundo filho e a nona parte para o terceiro filho. Só que, se repartimos dessa forma 35 camelos, teremos que cortar camelos ao meio, porque a metade de 35 é 17,5, a terça parte de 35 é aproximadamente 11,6 e a nona parte de 35 é 3 vírgula alguma coisa. E ninguém aqui quer receber pedaço de camelo ou quer ceder a sua parte, portanto, não temos como resolver isto.

Mas, logo o homem que calculava intercedeu e disse que tinha a solução:

Façamos o seguinte: emprestarei o camelo do meu amigo para auxiliar nas contas. Temos, então, um total de 36 camelos. Vamos dar a metade ao filho mais velho. Você receberá 18 camelos, meio a mais do que os 17,5 que receberia; o segundo filho ficará com um terço de 36, o que corresponde a 12, e não mais 11,6 de camelo. O terceiro e último, receberá, por sua vez, 4 camelos que é um nono de 36, e não apenas 3,3 de camelo. Agora, se somarmos os 18 do primeiro filho, mais os 12 do segundo e mais 4 do filho mais novo, teremos 34 camelos, restando

dois. Nesse caso, retiro de volta o animal que meu amigo emprestou e fico com este que sobrou como pagamento por ter resolvido o problema.

Ao que todos concordaram imediatamente, afinal, ganharam camelos a mais – e inteiros.

Sempre que utilizamos essa famosa narrativa, os alunos não só ouvem atentamente e curtem com entusiasmo o final, como, imediatamente querem saber de que forma se processou aquela aparente mágica. É a oportunidade para o professor demonstrar que, mesmo na partilha anterior, haveria sobra de camelos, conferindo-lhes uma detalhada aula sobre as frações.

Sempre utilizei muitas alegorias em meus cursos e aulas, tanto para adultos quanto para adolescentes e crianças, com muito sucesso. Dois exemplos práticos podem ser demonstrados aqui.

Numa aula de Redação, o assunto era: tipos de discurso - discurso direto, discurso indireto e indireto livro. Sabendo como os livros didáticos apresentam esse tema de forma elementar, elaborei o seguinte exercício: depois de explicar rapidamente os tipos de discursos e mostrar textos onde eles ocorriam, contei-lhes uma parábola, sem que anotassem nada, apenas escutassem. Ouviram e curtiram a narrativa e logo pedi que escrevessem a estória como se a fossem publicar num livro. Portanto, contendo toda a estrutura dos discursos como aprenderam. Conferimos os textos no final para ver se haviam utilizado corretamente os tipos de discurso e a maioria a escreveu assim:

Um homem muito velho estava no leito de morte e chamou seus três filhos, dizendo-lhes:

- Meus filhos, estou no fim, mas deixo-lhes uma

importante herança. Em nosso sítio há um rico tesouro. É de vocês.

Logo em seguida, o velho morreu. Os filhos trataram do seu enterro e tão logo ficaram livres, pegaram suas ferramentas de trabalho, partiram para o sítio e começaram a escavar cada palmo de terra. Todos queriam encontrar o tesouro que o pai dissera que havia ali.

Cavaram o quanto puderam e não encontraram nada. Até que um deles reuniu os outros e disse:

- Ou nosso pai enganou-se ou fez uma brincadeira conosco, porque não há nenhum tesouro aqui.

Voltaram aos seus afazeres normais, cuidando de outras tarefas. Mas o tempo passou e os ventos e os pássaros espalharam as sementes soltas que haviam no celeiro. As sementes caíram na terra revirada, as chuvas molharam o chão e em poucos dias estava brotando ali, uma bela plantação. Os irmãos terminaram de cuidar do plantio e, naquele ano, ganharam uma das melhores colheitas que se teve notícia. Só então perceberam de que tipo de riqueza havia falado o pai.

É recompensador ver uma turma inteira concentrada, em silêncio, procurando reescrever a parábola, num exercício mental de reconstrução da estória, bem como, de aplicação do conhecimento necessário ao sucesso da disciplina. Com um ganho a mais: o valor moral, as lições que estas pequenas estórias deixam em suas mentes.

O outro exemplo também faz parte dessas habilidades de português. Amplia a capacidade de reconstrução coletiva de estórias por parte dos alunos, bem como o sentido de equipe e comunidade, numa

lição gratificante para todos.

O exercício consiste em dividir a turma em grupos de quatro ou cinco ou até mais alunos. Contando com cerca de cinco a seis grupos, reservo-me a um canto e vou atender um grupo de cada vez, da seguinte forma: cada integrante do grupo vem até a mim e recebe uma informação. Informação essa que é parte de uma fábula ou parábola. Cada um leva a informação de volta para o grupo e diz do que se trata, para que alguém anote. No final, as informações reunidas vão compor a narrativa completa que eles terão de escrever e contar para o restante da turma, explicando a moral da estória.

Explicando melhor: separo uma alegoria diferente para cada grupo. Início o trabalho com o primeiro grupo de cinco alunos, por exemplo. Chamo um aluno e digo a ele: “essa é a estória de um alce que fugia de um leão, entrou na floresta, teve sua galhada presa numa árvore e foi pego pelo felino”. Esse aluno volta e chamo um outro integrante desse mesmo grupo, explicando-lhe a seguinte parte: “Um alce foi pego por um leão porque ficou preso nos galhos. Ao ser agarrado bradou, decepcionado – que ironia, era salvo pelas partes do meu corpo que eu mais detestava e fui traído pelas partes que mais admirava”. Ao terceiro aluno, repasso a seguinte informação: “Era uma vez um alce que vivia num descampado onde havia um lago. Ele costumava admirar-se no lago, achando sua galhada muito bonita”. Ao aluno seguinte, digo: “um alce que morava num descampado vivia sendo perseguido por um leão de vez em quando. Mas ele sempre escapava porque era rápido no campo, dando saltos enormes e pulando obstáculos que dificultava a perseguição do leão”. Para o

último aluno, vai um elo de ligação da narrativa: “A natureza foi bondosa comigo ao me dar galhadas tão bonitas, nenhum outro animal tem galhadas tão formosas. Entretanto, me deu pernas finas e cascos horrorosos”.

Cada grupo, portanto, recebe partes da sua alegoria e cada aluno tem a incumbência de levar a sua parte para que o grupo possa reconstruir a estória. Uma informação errada pode atrapalhar a compreensão e fazê-la tomar outro rumo. No final, a estória precisa estar escrita corretamente para que possa, não só ser lida para toda a turma, mas ser complementada com a interpretação de todos sobre a preciosa lição.

Um trabalho científico recente do cientista Paul Thagard, publicado no livro **Mente**, este autor mostra qual o papel dessas alegorias, fábulas e pequenas estórias, que pode ser aproveitado por nós professores. Sabendo que uma alegoria traz os mesmo elementos dos problemas que enfrentamos, elas são capazes de dar respostas por caminhos aparentemente ilógicos, mas que são perfeitamente verdadeiros. Um belo exemplo que Thagard mostra é o caso do médico às voltas com o tratamento do câncer.

Um médico, especializado no tratamento de câncer nos ossos de seus pacientes, conseguiu desenvolver um raio poderoso que podia aniquilar o câncer se fosse direcionado para ele. Mas, havia um problema. Quando o raio passava pela pele e pelos músculos, antes de chegar ao osso, danificava e matava as células que estavam no caminho. O cientista resolveu diminuir a força do raio. Realmente este não aniquilava mais as células, em compensação também não

tinha força suficiente para eliminar o câncer.

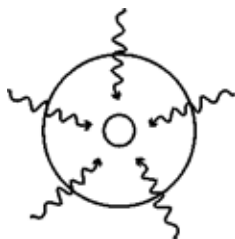
Agora, uma pequena alegoria:

Um tirano invadiu, com seu exército, um região de certo país pobre. No meio da região ele construiu sua fortaleza e abriu estradas em todas as direções, para que pudesse cobrar impostos e pagamentos dos colonos que viviam da agricultura e da criação de animais. Por sua vez, um general foi chamado para tentar expulsar o tirano. Reuniu um poderoso exército para invadir a região e eliminar o déspota com seu exército. Entretanto, um espião do general trouxe a seguinte informação: o tirano havia colocado minas em todas as estradas que levavam ao castelo, de modo que, se o general entrasse por qualquer estrada com seus soldados, as bombas explodiriam e, não só, arrasariam seus homens, mas provocaria muitos estragos nas terras dos colonos.

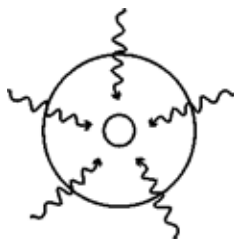
O general pôs-se a pensar e finalmente encontrou a solução. Dividiu seu exército em pequenos pelotões de modo que estes poderiam passar cuidadosamente por entre as minas, sem deixá-las explodir. E foi o que aconteceu: pequenos grupos de soldados entraram na região por diferentes pontos que convergiam para o castelo. Passaram pelas bombas e chegaram todos, praticamente ao mesmo tempo, à fortaleza. Reuniram-se com todo o poder de fogo do exército e derrubaram o tirano encastelado, para felicidade do povo.

Vejamos, portanto e esquema do general para destruir o inimigo e o comparemos com o esquema do médico que precisa debelar o câncer sem danificar células pelo meio do caminho:

Raios Fracos



Pequenos Pelotões



Podemos perceber que, se o médico fizer o mesmo, enviando raios fracos de diferentes pontos do corpo, estes passarão pelas células sem destruí-las. Depois, encontrando-se no mesmo ponto, esses raios retomarão a força de um único raio forte e destruirão o câncer. Eis como as alegorias podem ser útil para a mente humana ávida pela solução de tanto problemas que a afligem durante sua existência, e que o professor pode utilizar na sala de aula em diferentes situações e disciplinas de forma positiva.

Aliás, um exemplo de como as metáforas já são motivo de pesquisa e apresentam resultados excelentes na educação, é proposto pela professora Maria do Socorro Belarmino, de uma escola estadual aqui na capital paraibana. Em sua dissertação de Mestrado em Educação, pela UFPB, na qual colaborei como co-orientador, a professora Susy – como é mais conhecida, realizou a seguinte proposta educativa: a inclusão de deficientes visuais nas turmas de alunos videntes da primeira fase do ensino fundamental, através de uma educação pela criatividade, em que o professor utiliza metáfora para apresentar os conteúdos disciplinares. Além da tradicional utilização do quadro negro, os professores passariam

a relatar os assuntos de todas as disciplinas através de alegorias adaptadas aos conteúdos a serem ministrados.

Susy, que também é deficiente visual, com ajuda de uma professora amiga, fez a simulação em uma turma de escola estadual, na qual reuniu cerca de 30 alunos videntes e quatro alunos deficientes visuais. Foram desenvolvidas aulas durante alguns dias e apresentados problemas através de umas alegorias recolhidas de O livro das virtudes, de William J. Bennet, e outras criadas por Susy.

O resultado foi positivo: tanto os alunos videntes quanto os alunos deficientes visuais assimilaram o assunto de cada uma das disciplinas, português, matemática, estudos sociais e ciências. Realizaram os exercícios e construíram respostas de forma satisfatória, atendendo todas as exigências do currículo escolar.

Mais um modelo de como as metáforas podem habitar as salas de aula, não só por causa da possibilidade de uma Educação muito mais rica e prazerosa para os alunos, mas como uma forma de permitir ao professor realizar suas atividades pedagógicas de modo gratificante, na qual novas ordens são estabelecidas e novos valores vão sendo construído em meio a essa relação tão conflituosa que é o ensino em sala de aula.

Considerações não conclusivas

A única coisa a concluir acerca de um tema tão dinâmico é que não dá para chegar a uma conclusão. Por isso gostaríamos mesmo de fazer conside-

rações que nos apontem para mais reflexões. Desta vez sobre uma das importantes habilidades da nossa mente criadora: a capacidade de reconhecer as próprias limitações e buscar recursos internos para superá-las.

Você deve ter observado a quantidade de colegas professores que, a partir de certa idade – entre os 40 e 50 anos-, acomodam-se, acreditando que já aprenderam tudo o que tinham de aprender porque perderam a motivação para a descoberta de novas habilidades. Deixaram de ser aprendizes, por isso, pararam de crescer, como se fosse natural à mente humana estagnar a própria evolução.

Recordo que já tive, em meio a adolescentes, alunos com mais de 60 anos em cursos de graduação e pude constatar, com alegria, que o sucesso deles estavam na vontade de aprender, no entusiasmo com que realizavam suas tarefas. Suas mentes confirmaram o que as neurociências recentemente anunciaram: a nossa capacidade de aprender duraria 400 anos se pudéssemos vivê-los – é o tempo que levaríamos para realizar todas as conexões neuronais disponíveis em nosso cérebro.

Portanto, não é a quantidade de anos que ainda resta a qualquer um para viver, mas a qualidade de vida de seus dias – e aprender, descobrir, criar, é uma dessas alegrias que faz a vida valer a pena. Tem sido assim para artistas, cientistas e filósofos de todas as épocas e culturas.

A mente humana está em constante movimento de aprendizagem. Faz projetos e os põe em prática – mas nossas realizações dependem da natureza desses projetos: ir na estante, pegar um bom livro e saborear seu conteúdo; preparar-se para um exame

no dia seguinte; casar e ter filhos daqui a alguns anos; caminhar a pé na praia qualquer dia desses ou dar aulas tão prazerosas que sejam lições de vida até para nós mesmos.

Qualquer coisa que a gente quiser realizar, nossa mente está disposta a assumir o projeto e a buscar os recursos mais íntimos para colocar em prática – se estivermos entusiasmados o suficiente para a conquista. O resto é apenas questão de descobrir como.

Um depoimento pessoal: quando decidi tornar-me professor, em pouco tempo percebi que não me tornaria um bom profissional se não cuidasse de quatro coisas: estudo permanente – o bom professor é um eterno aluno; leituras diárias – ler de tudo para ter conhecimento acima da média; atualização dos conhecimentos de ensino – saber cada vez mais sobre o que se ensina; e renovação de práticas pedagógicas – o aperfeiçoamento da didática pessoal.

Mas, como um professor pode cuidar de tudo isso se tem que correr diariamente de um lado para outro, ensinar em diversos lugares, planejar aulas e tudo o mais? Todo professor gostaria de ter tempo para planejar conteúdos, ler mais e ainda cuidar de si mesmo: fazer exercícios, ter um pouco de lazer etc.

Aos poucos pude perceber que alguns professores conseguiam essas façanhas através de estratégias pessoais. Conversando com eles e trocando idéias, estabeleci as minhas próprias estratégias, adequadas ao meu ritmo e às minhas condições e exigências, que também podem ser úteis a você, professor, que me lê agora.

Não dá para ficar esperando que um dia tenha-

mos tempo suficiente para nossos projetos. Pode-se realizar diferentes tarefas integradas. Por exemplo: sei que tenho de preparar algumas aulas diferentes para os próximos dias e lembro-me parcialmente do conteúdo. Aproveito o dia em que tenho de ir ao supermercado fazer algumas compras e estabeleço meus planos: escolho um supermercado que fica a poucos quilômetros de casa; coloco um tênis e roupa esporte, e parto para as compras numa caminhada; enquanto caminho, planejo a aula, procuro exemplos, estabeleço práticas – num exercício mental que me estimula a criatividade e a memória. Ao retornar, faço anotações ou registro num gravador as idéias que articulei. No final das contas, tenho um excelente saldo positivo, não só do exercício mental, mas também do exercício físico; realizo minhas obrigações caseiras e ainda estabeleço práticas pedagógicas divertidas e produtivas para os alunos – é a única maneira de fazer o dia ter mais de 24 horas: usar certas horas para interagir simultaneamente mais de uma tarefa prazerosa.

E sempre procuro colocar em prática os exercícios que crio, com meus amigos, filhos e sobrinhos, observando os detalhes a serem melhorados, sem que essas atividades sejam uma obsessão de trabalho. Se elas nos dão prazer, fazem parte do nosso futuro. São parte de projetos de vida, através dos quais permitimos que a mente ajude a si mesma, pois ela tem a capacidade de operar ações paralelas.

Quando utilizamos essas atividades como projetos especiais, a nossa mente os assume integralmente, e todo o inconsciente passa a colaborar nesse processo.

É o que confirma José Antonio Marina, em seu li-

vro, **Teoria da inteligência criadora**: quando elaboramos nossos projetos, na verdade antecipamos o futuro, ou seja, estabelecemos uma capacidade de lidar com irrealidades capazes de transformar completamente as posturas de nossa vida mental. Isso muito me estimula: saber que posso construir amanhã as lembranças prazerosas de depois de amanhã.

Por isso, a reflexão que eu gostaria que ficasse como início de novos projetos pessoais de educação para todos nós, vem desse autor: "Com base no que sou, antecipo o que quero ser e esta irrealidade, produzida em mim próprio, e ressoando dentro de mim próprio, atrai-me para ela, arrancando-me para fora de mim, ou seja, atirando-me do que sou para o estimulante vazio do que quero ser."

Bibliografia comentada

Eis aqui algumas obras que contribuíram para nossas reflexões e considerações, e que precisam ser lidas e degustadas pelos professores modernos.

Gramática da fantasia, do educador italiano Gianni Rodari (Summus Editorial, 1982) é um livro essencial para quem pretende ser um bom educador. Trata de práticas educativas pela criatividade, principalmente na área de língua portuguesa.

Educar com parábolas e Educar com fábulas, de Alfonso Francia (Editora Ave-Maria, 2000). São dois livros que tratam do reconhecido papel pedagógico das parábolas e das fábulas no sentido de despertar e aguçar a imaginação, estimular o sentido artístico, desenvolver a capacidade do raciocínio lógico, da síntese e análise. Trabalham ainda, sentimentos e valores humanos de forma proveitosa.

Teoria da inteligência Criadora, de José Antonio Marina (Caminho da Ciência, 1995), é uma obra que apresenta a teoria da inteligência de forma inovadora. São estudos que integram os resultados das ciências cognitivas: a neurologia, a inteligência artificial, a psicolingüística, a psicologia cognitiva, a filosofia. Um conhecimento que não pode estar fora das preocupações do professor de hoje.

Inteligências múltiplas – A teoria na prática (Artes Médicas, 1995) e **Inteligência – um**

conceito reformulado, (Perspectiva, 2000) ambos do psicólogo Howard Gardner. Na primeira obra o autor apresenta sua teoria das sete inteligências que trazemos conosco e que podem se manifestar com predominâncias. São elas: musical, corporal-cinestésica, lógico-matemática, lingüística, espacial, interpessoal e intrapessoal. No segundo livro, além de ampliar essas sete com, pelo menos, mais três, inteligências naturalista, espiritualista e existencial, Gardner reavalia o próprio conceito de inteligência. Indispensáveis leituras para educadores.

A alegria de ensinar, Rubem Alves (Arts Poética, 1994). Conhecido autor de **Conversas com quem gostar de ensinar** (Cortez, 1993) e **Estórias de quem gostar de ensinar** (Cortez 1984). Ninguém melhor que o próprio Rubem Alves para apresentar sua obra: "Ensinar é um exercício de imortalidade. De alguma forma continuamos a viver naqueles cujos olhos aprenderam a ver o mundo pela magia da nossa palavra. O professor, assim, não morre jamais...".

Inteligência Emocional - a teoria revolucionária que define o que é ser inteligente de Daniel Goleman (Objetiva, 1996) e **O erro de Descartes - emoção, razão e o cérebro humano** (Companhia das Letras, 1996), do psiquiatra português António R. Damásio. Ambas as obras são indispensáveis para quem precisa conhecer as emoções como fator fundamental nas relações ensino-aprendizagem. Enquanto o livro de Damásio faz uma abordagem mais científica, a obra de Goleman apresenta um desdobramento mais cotidiano dos estudos sobre as influências do aspecto emocional sobre o racional.

Quem ama não adoce – o papel das emoções na prevenção e cura das doenças, do Dr. Marco Aurélio Dias da Silva (Editora Best Seller, 1994). Resultado de anos de prática médica e de pesquisa, esta obra apresenta uma inovadora postura em relação à vida, mostrando, de forma clara e acessível, que as doenças da alma se refletem no corpo, e que o amor, em sentimentos aplicados no dia-a-dia, pode realmente curar nossos males. Um alento às dores cotidianas do professor.

Outras obras que, citadas ou não neste livro, permitem aos professores encontrar muitos subsídios para o desenvolvimento de uma prática de ensino de resultados prazerosos e satisfatórios: **Na vida dez, na escola zero**, de Terezinha Carraher, David Carraher e Analúcia Schliemann (Cortez, 1993); **História das idéias pedagógicas**, de Moacir Gadotti (Ática, 1993); **Criatividade – expressão e desenvolvimento**, de Eunice Soriano de Alencar e Ângela Virgolim (Vozes, 1994); **Ser criativo**, de Stephen Nachmanovitch (Summus, 1993); **A criança Mágica – a redescoberta da imaginação na natureza das crianças**, de Joseph Chilton Pearce (Francisco Alves, 1987); **As inteligências múltiplas e seus estímulos**, de Celso Antunes (Papyrus, 1998); **O livro das virtudes**, Volumes I e II, de William J. Bennett (Nova Fronteira, 1995); **Brinquedos & engenhocas**, de Luise Weiss (Scipione, 1993) e ainda, **Educação criativa – ensinando a arte de aprender e aprendendo a arte de ensinar**, Volume I – Criatividade & Educação, Volume II, Criatividade e Escola Pública (Idéia, 1997) e **DeZcaminhos para a criatividade** (Idéia, 1998) ambas de Marcos Nicolau.

Apêndice

Novas sobre o riso na sala de aula

Quando a questão é o conflito causado pelas tensões e pelas angústias que o educador vive na sua prática de ensino, nada como recorrer ao antídoto natural para esta situação: o riso. Isso porque, na presença de humor, as dificuldades e os desafios da vida acabam por se tornar toleráveis.

E aqui temos dois lados da questão: nós, professores vivemos sob as pressões de alunos, pais e diretores; os alunos, por sua vez, vivem sob as exigências naturais dos processos pedagógicos.

Primeiro, com relação ao nosso estado de espírito, precisamos considerar cada vez mais as pesquisas que vêm sendo realizadas sobre estresse, pressão e raiva. Em recentes estudos realizados pela Universidade da Carolina do Norte, EUA, ficou comprovado que aquela expressão "morrer de raiva", é verdadeira porque aumenta consideravelmente os riscos de termos um ataque cardíaco. Após seis anos de pesquisa, descobriu-se que as pessoas que se irritam intensamente e com freqüência, ao contrário das que sabem liberar a raiva, têm três vezes mais probabilidades de sofrerem um infarto ou mesmo outros males súbitos.

Para os cientistas, esse risco se deve ao fato de que, toda vez que ficamos com raiva, nosso organis-

mo libera uma carga a mais de adrenalina no sangue. A concentração desse hormônio aumenta o número de batimentos cardíacos e provoca um estreitamento dos vasos sanguíneos, elevando a nossa pressão arterial. Resultado: arritmia cardíaca e súbita dilatação das placas das gorduras que já existem nas artérias.

Se você é um professor que fuma, bebe e ainda tem vida sedentária, está na hora de rever os seus conceitos sobre qualidade de vida. Em primeiro lugar deve mudar seus hábitos sedentários, fazer exercícios regularmente e procurar dominar a raiva, principalmente aquelas por causas banais do dia-a-dia. Deve também, seguir um conselho cada vez mais sábio dos especialistas da área médica para ter vida longa e saudável: dividir as angústias com parentes e colegas próximos ao invés de guardá-las para que elas não se instalem e explodam mais cedo ou mais tarde.

Segundo: os psicólogos afirmam e as nossas experiências escolares confirmam: sem um sentido de humor, a jornada na sala de aula se torna um tédio, afinal, o humor é uma prática que precisa ser cada vez mais cultivada para poder dar vida e alegria a qualquer assunto a ser aprendido.

As pesquisas dos neurocientistas vêm revelando a cada dia o poder do humor sobre a nossa saúde, corroborando a sabedoria popular que sempre disse: "rir é o melhor remédio". Os estudos acerca das atribuições positivas e terapêuticas do riso demonstram que o riso é fator essencial para a secreção de enzimas que protegem o estômago, contribuindo com o aumento de anti-corpos naturais do organismo que combatem infecções respiratórias. Por outro

lado, o riso ajuda no transporte de nutrientes e oxigênio para os tecidos corporais, liberando endorfinas que atuam como analgésico natural.

Quando permitimos que os alunos dêem boas risadas, essa atividade prazerosa provoca a liberação de um neurotransmissor chamado serotonina, que agiliza a comunicação entre os neurônios. Mas se o organismo se encontra submetido ao estresse ou sob tensão, os circuitos neurais acusam a falta de serotonina, alterando a comunicação entre estes e, por conseguinte, provocando o desequilíbrio do organismo. O resultado negativo é justamente sobre o processo cognitivo dos alunos.

Nesse sentido, já começamos a encontrar pesquisas voltadas para sala de aula com o propósito de demonstrar a nós professores, não só a importância do riso, mas, principalmente, como devemos desenvolver uma didática divertida e alegre. Segundo Emma Otta, no livro **O sorriso e seus significados**: “De supérfluo, o riso transforma-se num mecanismo importante para promover desenvolvimento cognitivo e emocional”. Essa afirmação vem se somar ao que já dizia o escritor de comédias francesas de alguns séculos atrás, Rabelais, citado por Bakhtin: “O riso é a liberação dos sentimentos que mascaram o conhecimento da vida... Sorridente, a própria verdade se abre ao homem quando ele se encontra num estado de alegria despreocupada”.

Portanto, a prática da sala de aula, quando acontece através de uma relação positiva e amistosa mediada pelo riso, permite uma satisfação que se soma ao aprendizado, formando no aluno uma visão mais positiva do mundo.

Como a aula é feita através do convívio com nos-

sos alunos, precisamos buscar sempre um convívio gratificante para que a aprendizagem se torne muito mais intensa. Principalmente quando percebemos que está ocorrendo desinteresse pelas aulas. Uma das maneiras mais eficientes de trazer a atenção dos alunos de volta é pelo uso do inusitado e da curiosidade que provoca o riso, importante estimulador da liberdade de expressão, da imaginação e da desinibição.

Ao agirmos assim, permitimos o riso cognitivo que resulta de um estado de espírito alegre e feliz pela descoberta das novidades, uma vez que atende às expectativas dos alunos de aprender algo novo. E como bem sabemos, é justamente o aprendizado nesse momento de satisfação e sentimentos intensos que o cérebro cria as colas que permitirão que os conhecimentos sejam fixados na memória.

Sabemos que é comum os professores terem receio de que o riso se torne instrumento de ironia e chacota, mas também nesse momento entra o seu papel de educar cada criança para que percebam que existem essas formas destrutivas de humor que é preconceituosa e fere as pessoas.

A grande lição a ser ensinada e demonstrada pela postura alegre do professor é a de que o riso é o melhor e mais poderoso meio de integração social, porque é capaz de transpor barreiras, proporcionando, inclusive, tomadas de atitudes positivas diante dos desafios da vida.

Referências

Bakhtin, Mikhail Mikhailovith. **A cultura popular na Idade Média e no Renascimento**. 2. ed. São Paulo: Hucitec, 1993.

Bérgson, Henri. **O riso: ensaio sobre a significação da comicidade**. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

Otta, Emma. **O sorriso e seus significados**. Petrópolis: Vozes, 1994.

Moddy. Dr. Raymund A. Jr. **Cura pelo poder do riso**. Rio de Janeiro: Nórdica, 1978.

O AUTOR

Marcos Nicolau é Coordenador do Programa de Pós-Graduação em Comunicação (PPGC) da UFPB. Doutor em Letras, com pesquisa nas áreas de Lingüística e Semiótica; mestre em Educação, com dissertação sobre criatividade. Tem especialização em Comunicação e graduação em Jornalismo. É um dos editores da revista Culturas Midiáticas, do Mestrado em Comunicação e edita a revista eletrônica Temática, publicada no seu site: WWW.insite.pro.br. Atua no Núcleo de Artes Midiáticas do PPGC, através do Grupo de Pesquisa em Humor, Quadrinhos e Games (GP-HQG). Autor, entre outros, dos livros: Introdução à criatividade (1994); Educação criativa: ensinando a arte de aprender e aprendendo a arte de ensinar (1997); Dezcaminhos para a criatividade (1998); Desígnios de signos: relação entre poesia de vanguarda e publicidade impressa (2001); Dualidade e criação publicitária: um princípio, muitas idéias (2005); Razão & criatividade: tópicos para uma pedagogia neurocientífica (2007); Tirinhas: a síntese criativa de um gênero jornalístico (2007); Falas & balões: a transformação do texto nas histórias em quadrinhos (edição revista e ampliada, 2008).